

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Talita Moraes Ribeiro Padilha

**A ESSÊNCIA DO AMOR: A Construção do Vínculo Mãe-Bebê como
Alicerce para o Desenvolvimento Infantil**

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

TALITA MORAES RIBEIRO PADILHA

A ESSÊNCIA DO AMOR: A Construção do Vínculo Mãe-Bebê como Alicerce para o Desenvolvimento Infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Adriana Chaves de Oliveira Ruback

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Dinart Rocha Filho, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof.^a Jesiane de Souza Marins Lopes, Doutora – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Santo Antônio de Pádua
2024

A ESSÊNCIA DO AMOR: A Construção do Vínculo Mãe-Bebê como Alicerce para o Desenvolvimento Infantil

Talita Moraes Ribeiro Padilha¹

Orientadora: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback

¹*Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua - FASAP*

Resumo

Para o bebê o apego é esse vínculo que se desenvolve e que gera a sensação de segurança. Nesse caso, as crianças associam esse sentimento ao cuidador principal. A teoria do apego foi desenvolvida no período pós Segunda Guerra Mundial, cenário este com inúmeras crianças órfãs. O psiquiatra John Bowlby foi o precursor nesse campo, sendo o principal idealizador da teoria. Dessa forma, o presente artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa, fundamentado em autores como Gutierrez (2011), Romero (2011), dentre outros, tem como objetivo geral analisar como o desenvolvimento dos indivíduos foi impactada pelo vínculo afetivo estabelecido entre mãe e bebê. Entre os objetivos específicos, os quais compuseram os tópicos deste trabalho, encontram-se: esclarecer o porquê o estabelecimento de um vínculo mãe-bebê fortalecido é base para o desenvolvimento infantil saudável; compreender os fatores que contribuem para o desenvolvimento do vínculo e sua consequência no desenvolvimento da criança; expor as características de um vínculo bem desenvolvido.

Palavras-chave: Vínculo Afetivo; Desenvolvimento Infantil; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O apego é algo inato ao ser humano, a teoria do apego é a base dos relacionamentos entre as pessoas. Para que seja possível que um bebê tenha seu desenvolvimento social e emocional saudável, é preciso que ele desenvolva um relacionamento com um cuidador. É a busca pela sobrevivência a partir do vínculo.

Para o bebê o apego é esse vínculo que se desenvolve e que gera a sensação de segurança. Nesse caso, as crianças associam esse sentimento ao cuidador principal. A teoria do apego foi desenvolvida no período pós Segunda

Guerra Mundial, cenário este com inúmeras crianças órfãs. O psiquiatra *John Bowlby* foi o precursor nesse campo, sendo o principal idealizador da teoria.

O apego se constitui a partir do desenvolvimento de um laço com o cuidador principal, que geralmente é a mãe. Os cuidados contínuos e afetuosos nos primeiros anos de vida é fator determinante para o estabelecimento do vínculo. A qualidade do vínculo entre a criança e a mãe tem influência direta em como se desenvolverá esta criança no futuro. Nesse caso, o vínculo sendo positivo e os pais sejam presentes e demonstrem empatia em situações de estresse a criança irá desenvolver traços de autoconfiança e segurança em sua personalidade. Ao contrário, se o vínculo se der de forma negativa, a criança desenvolve insegurança e dependência dos outros.

Diante do exposto, esta pesquisa é justificada ao abordar a questão da Teoria do Apego, pois ela ainda necessita de estudo e aperfeiçoamento. Isso pode ser alcançado por meio de alterações nos métodos utilizados nas pesquisas sobre apego, incluindo não apenas a psicologia, mas também aspectos relacionados à aprendizagem, flexibilidade e adaptação. Dessa forma, será possível obter uma compreensão mais ampla do desenvolvimento humano.

Dessa forma, a questão problema levantada neste estudo gravita em torno de que: Por que indivíduos com o vínculo afetivo entre mãe e bebê estabelecido possuem um desenvolvimento mais saudável do desenvolvimento infantil e dos comportamentos sociais? Sobre esta tem-se a hipótese de que quando o vínculo é bem estabelecido, os bebês desenvolvem autonomia com mais segurança. Para atingir este objetivo, é crucial que a confiança seja plenamente experimentada no início da vida. Quando um bebê se sente seguro no relacionamento com a mãe, essa experiência se torna a base para o desenvolvimento de sua vida emocional.

Assim, o presente artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa, fundamentado em autores como Gutierrez (2011), Romero (2011), dentre outros, tem como objetivo geral analisar como o desenvolvimento dos indivíduos foi impactada pelo vínculo afetivo estabelecido entre mãe e bebê. Entre os objetivos específicos, os quais compuseram os tópicos deste trabalho, encontram-se: esclarecer o porquê o estabelecimento de um vínculo mãe-bebê fortalecido é base para o desenvolvimento infantil saudável; compreender os fatores que contribuem para o desenvolvimento do vínculo e sua consequência no desenvolvimento da criança; expor as características de um vínculo bem desenvolvido.

LAÇOS INEXPLORÁVEIS: A JORNADA PARA COMPREENDER O VÍNCULO MÃE-BEBÊ

A mãe é a primeira referência que o bebê tem do mundo, uma vez que, dentro do útero, todo o ambiente e acontecimentos estão intrinsecamente ligados a ela. Portanto, nos primeiros momentos após o nascimento, a criança reconhece apenas a mãe, instintivamente a considerando como a fonte principal de segurança física e afetiva para sua sobrevivência.

De acordo Gutierrez *et al.* (2011, p. 8):

O vínculo materno pode começar antes mesmo da gestação, quando os pais idealizam o bebê, e permanece por toda a vida. Esta ligação é fundamental para o desenvolvimento psíquico, afetivo, social e cognitivo da criança e sua ausência pode provocar atrasos significativos nestas funções.

Conforme Gutierrez *et al.* (2011), pode ser fortemente influenciado pelos sentimentos da mulher em relação à gestação, que podem variar entre positivos e negativos. Se a mãe experimenta sentimentos de rejeição ou outras emoções negativas, especialmente em casos de gravidez indesejada, isso pode resultar na criação de um vínculo com o filho que pode se tornar traumático para ambos ao longo do desenvolvimento. Por outro lado, quando a maternidade é vivenciada de maneira positiva, com sentimentos felizes, é mais provável que o vínculo entre mãe e filho seja forte e positivo.

Estabelecer uma conexão segura durante a gravidez fornece recursos emocionais para que o bebê explore outras pessoas com a certeza de que existe alguém que estará lá para atender suas necessidades.

As primeiras interações do bebê com o mundo desempenham um papel essencial na formação da base do seu desenvolvimento existencial como um todo. Na realidade, o bebê gestacional, ou seja, o feto, já está em um estágio de desenvolvimento e mantém um contato constante com o mundo através do corpo da mãe, que neste momento é sua própria extensão. Assim, a maneira como a mãe interage com o bebê na barriga tem impactos significativos, moldando suas primeiras experiências no mundo.

É importante destacar, conforme apresentado por Romero (2011, p. 16), que a interação do ser humano com o ambiente é contínua e interminável. Este ambiente

abrange "os eventos, os objetos e as pessoas que configuram este relacionamento" (2011, p.17), formando o contexto ao qual a pessoa responde subjetivamente. Esses elementos do ambiente, de certa forma, influenciam a construção do ser.

O vínculo mãe-bebê é um processo complexo e multifacetado que se desenvolve ao longo do tempo. É possível ter uma visão geral, mas é importante lembrar que cada relação é única e pode variar em intensidade e características.

John Bowlby reconhecido psiquiatra e psicanalista britânico, desenvolveu a teoria do apego, uma abordagem inovadora na psicologia do desenvolvimento. Bowlby propôs que o vínculo emocional entre crianças e suas figuras de apego é crucial para o desenvolvimento saudável. Ele enfatizou a importância desses vínculos desde os estágios iniciais da infância e como eles influenciam as relações interpessoais ao longo da vida.

Compreende-se que o comportamento de apego é qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerando mais apto para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989, p. 87).

Bowlby, 1989, p. 93 ainda afirma

A teoria do apego é uma tentativa de explicar tanto o comportamento de apego, com seus aparecimentos e desaparecimentos esporádicos, como, também, os apegos duradouros, que crianças e outros indivíduos estabelecem com outros em especial. Nessa teoria o conceito-chave, é o de sistema comportamental.

A citada teoria explora a importância dos vínculos emocionais, especialmente aqueles entre crianças e suas figuras de apego, para o desenvolvimento saudável ao longo da vida. Destaca como as relações emocionais influenciam o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Argumenta ainda que o apego é um comportamento inato e adaptativo, fundamental para a sobrevivência e bem-estar das crianças.

Desde o nascimento, os bebês buscam proximidade e contato com suas figuras de apego, geralmente os cuidadores primários, como mães ou pais. A qualidade do apego nas primeiras experiências de vida tem implicações significativas para o desenvolvimento emocional e social da criança. Crianças com

um apego seguro geralmente desenvolvem maior confiança, melhor regulação emocional e habilidades sociais mais avançadas.

Pesquisas atuais investigam a persistência do apego ao longo da vida, ressaltando como os padrões de apego na infância podem impactar as relações na fase adulta, analisando também o papel do apego nas relações românticas e na saúde mental ao longo do curso da vida.

A incorporação de métodos neurocientíficos avançados tem permitido uma compreensão mais profunda das bases biológicas do apego, mapeando padrões cerebrais associados às relações de apego (ATZIL *et al.*, 2011)

É possível identificar alguns aspectos fundamentais para a criação do vínculo, tais como: Contato Físico que desde o nascimento é crucial. O toque, o abraço e o carinho são formas poderosas de comunicação que estimulam a liberação de hormônios, como a oxitocina, que promovem o vínculo emocional (FELDMAN, 2015).

A sensibilidade da mãe em perceber e responder às necessidades do bebê é fundamental. Responder prontamente ao choro, sorrir em resposta aos sinais de contentamento e fornecer conforto também contribuem para a construção do vínculo (AINSWORTH *et al.*, 1978).

Outro fator de importância é a comunicação não verbal, uma vez que grande parte da comunicação entre mãe e bebê é não verbal nos estágios iniciais. Expressões faciais, linguagem corporal e vocalizações contribuem para a compreensão mútua e o estabelecimento de uma conexão emocional (TRONICK, 1989).

Consistência e Previsibilidade: Um ambiente consistente e previsível cria um senso de segurança para o bebê. A rotina, a regularidade nas interações e a consistência nas respostas da mãe ajudam a estabelecer um ambiente confiável (BRAZELTON e CRAMER, 2000).

Exploração e Resposta à Curiosidade, conforme o bebê começa a explorar o ambiente, a mãe desempenha um papel crucial ao oferecer suporte e encorajamento.

A capacidade da mãe em proporcionar um ambiente seguro para a exploração contribui para o desenvolvimento do vínculo (BOWLBY, 1969). **Adaptação às Necessidades em Mudança,** o vínculo mãe-bebê evolui à medida que as necessidades do bebê mudam. A mãe que consegue se adaptar a essas

mudanças, compreendendo as novas demandas e ajustando seu comportamento, fortalece a conexão (BELSKY, 1984).

É importante ressaltar que o vínculo mãe-bebê é uma via de mão dupla. A mãe influencia o bebê, e o bebê também influencia a mãe. Essa interação dinâmica forma a base para o desenvolvimento emocional e social saudável da criança e com bom desenvolvimento cognitivo.

FATORES QUE MOLDAM A CONSTRUÇÃO DO LAÇO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Conforme Bowlby (1990) observou, o desenvolvimento do apego passa por quatro estágios distintos. O primeiro estágio se desdobra nos primeiros três meses de vida do bebê, quando ele começa a mostrar uma diferenciação entre estímulos sociais e não sociais, embora ainda exiba uma limitação nos comportamentos direcionados especificamente ao cuidador principal. Bowlby (1990) argumenta ainda que esses comportamentos são essenciais para estabelecer e manter a proximidade física entre o bebê e sua figura de cuidado, desempenhando um papel crucial na formação do apego entre eles.

Essa fase é fundamental para o desenvolvimento do vínculo. Assim, os três primeiros meses após o nascimento representam um período crítico para a construção do vínculo na díade mãe-bebê, podendo influenciar significativamente a qualidade da relação que se desenvolverá entre eles e, conseqüentemente, afetar o desenvolvimento global da criança (BORSA; DIAS, 2004).

O desenvolvimento do vínculo entre a mãe (ou cuidador principal) e a criança é influenciado por uma variedade de fatores que podem moldar a qualidade e a natureza desse relacionamento, dentre eles é possível citar: especificidade, duração, engajamento emocional, ontogênese, aprendizagem, organização e função biológica.

De acordo com Neves (2020, p. 43)

A especificidade refere-se ao comportamento dirigido a apenas alguns indivíduos específicos, geralmente em ordem clara de preferência. A duração remete a como os comportamentos de apego podem transformar-se ao longo da vida, e até mesmo serem substituídos; entretanto, sempre estarão presentes de uma forma ou de outra, principalmente aqueles construídos na primeira infância. Já o engajamento emocional envolve nossas ligações afetivas serem sempre permeadas de emoções intensas.

A capacidade dos pais em responder de maneira sensível e responsiva às necessidades físicas e emocionais da criança desempenha um papel essencial no desenvolvimento do vínculo. Quando os pais demonstram sensibilidade às expressões emocionais e aos sinais da criança, isso promove um senso de segurança e confiança na relação, contribuindo para um vínculo seguro.

Ainda conforme Neves (2020, p. 44)

A ontogênese é configurada pelas crianças possuírem uma figura de apego de preferência que é desenvolvida a partir de nove meses e perdura até cerca de 3 anos de idade. Quanto mais experiência a criança possui com essa figura – geralmente, mas não necessariamente, a mãe – mais apegada ela estará.

A consistência nas interações e na rotina diária proporciona à criança um ambiente previsível e seguro. Isso é fundamental para o desenvolvimento do vínculo, pois ajuda a criança a se sentir segura e confiante na relação com os pais. A falta de consistência pode levar a sentimento de insegurança e ansiedade na criança.

Segundo Neves (2020, p. 46)

O apego pode ser construído mesmo em relações de recompensa e punição, incluído na característica da aprendizagem, ainda que possui menor função nessa abordagem. A organização conceitua-se a partir de o apego construir-se das respostas mais simples às mais complexas, sofisticando-se a partir dos modelos representacionais internalizados do ambiente e do *self*. Finalmente, a função biológica alude ao comportamento de apego estar presente em quase todas as espécies animais, sendo importantes para a sobrevivência e proteção de predadores.

A expressão aberta de afeto, carinho e amor pelos pais é essencial para fortalecer o vínculo emocional entre pais e filhos. Gestos como abraços, beijos e palavras de incentivo ajudam a criança a se sentir amada e valorizada, contribuindo para um vínculo seguro e positivo.

A qualidade da comunicação e da interação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento do vínculo. Isso envolve não apenas o uso de linguagem verbal, mas também expressões faciais, contato visual e gestos físicos. Uma comunicação aberta e uma interação positiva fortalecem a conexão emocional entre pais e filhos.

Brum e Schermann (2004, p. 118),

Até recentemente, a maioria dos teóricos, em seus estudos sobre interação mãe-bebê, examinou fatores referentes ao papel da mãe neste processo,

enquanto menos atenção foi dada às contribuições da criança. Não há dúvida de que a mãe possui, sim, a tarefa de se ligar ao bebê e auxiliá-lo em seu desenvolvimento. Porém, sabemos, hoje, com o respaldo de pesquisadores contemporâneos, que ao bebê também cabe esta tarefa e que este possui recursos para enfrentar tal empreitada. Esta interação, portanto, segue um modelo bidirecional, em que não apenas o comportamento do bebê é moldado pelo comportamento da mãe, mas também o da mãe o é pelo comportamento do bebê.

Os estilos parentais, como autoritário, permissivo ou autoritativo, podem influenciar significativamente o desenvolvimento do vínculo e o bem-estar emocional da criança. Um estilo parental caloroso, amoroso e assertivo promove um vínculo seguro, enquanto estilos parentais mais negativos podem levar a problemas no desenvolvimento do vínculo e na saúde emocional da criança.

Lawrenz (2020) afirma que os estilos parentais são definidos como o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles. As práticas parentais envolvem técnicas utilizadas pelos pais em situações específicas de interação com os filhos.

Diana Baumrind (1966) elaborou um modelo que continua a ser amplamente utilizado nos dias atuais. Esta abordagem considera tanto os aspectos emocionais quanto comportamentais da conduta parental (BAUMRIND, 1967). Os valores e convicções dos pais, combinados com o temperamento da criança, determinam o estilo de parentalidade adotado. Baumrind identificou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo (BAUMRIND, 1966). Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) acrescentaram um quarto estilo parental, denominado negligente.

O estilo autoritativo surge da combinação entre exigência e sensibilidade em níveis elevados. Os pais autoritativos estabelecem padrões claros de comportamento para seus filhos, consistentemente reforçados. Supervisionam o comportamento, corrigindo desvios e reconhecendo comportamentos positivos. A disciplina é aplicada de forma explicativa e a comunicação entre pais e filhos é transparente e respeitosa. Além disso, são carinhosos em suas interações, sensíveis às necessidades e frequentemente convidam a participação dos filhos, incentivando a autonomia e proporcionando oportunidades para o crescimento pessoal. (BAUMRIND, 1966; MACCOBY; MARTIN, 1983; MACCOBY, 1992)

Baumrind, 1966, p. 337 diz que o estilo autoritário

[...] surge da predominância de controle elevado e sensibilidade reduzida. Pais autoritários são firmes e dominantes. Estabelecem padrões rigorosos, sem considerar a participação da criança. Priorizam a obediência por meio

do respeito à autoridade, muitas vezes recorrendo à punição para controlar o comportamento. Não incentivam o diálogo nem a autonomia, respondendo com rejeição e pouca sensibilidade aos questionamentos e opiniões da criança.

Cassoni (2013, p. 30) define que o estilo indulgente resulta da combinação entre baixo controle e alta responsividade. Pais indulgentes não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade. São excessivamente tolerantes, permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. São afetivos, comunicativos e receptivos com seus filhos, tendendo a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente.

Ainda de acordo com Cassoni (2013, p. 30) o estilo negligente resulta da combinação entre controle e responsividade em baixos níveis. Pais negligentes não são nem afetivos nem exigentes. Demonstram pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorando seu comportamento. Tendem a manter seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas. Estão frequentemente, centrados em seus próprios interesses.

As consequências do desenvolvimento de um vínculo seguro entre pais e filhos são vastas e têm um impacto duradouro no desenvolvimento infantil. Crianças com vínculos seguros tendem a desenvolver maior autoestima, confiança, habilidades sociais e emocionais, além de enfrentarem melhor os desafios emocionais e de comportamento ao longo da vida. Essas crianças também estão mais aptas a formar relacionamentos interpessoais saudáveis e a alcançar sucesso acadêmico e profissional. Por outro lado, crianças com vínculos inseguros podem enfrentar dificuldades emocionais, problemas de comportamento e desafios no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

Outro fator a ser mencionado sobre as consequências do desenvolvimento de um vínculo seguro entre pais e filhos está relacionado a questão do desenvolvimento cognitivo dos filhos. Vale destacar que a cognição humana tem se tornado um objeto de estudo amplamente pesquisado em decorrência da sua interdisciplinaridade que os avanços científicos têm proporcionados em nossa atualidade principalmente nessa área (NEVES, 2020)

Entretanto, antes de se entrar no mérito relacionado às fases do desenvolvimento cognitivo das crianças é interessante que se tenha em mente algumas considerações sobre desenvolvimento, abordados por autores tais como Ferrari (2014, p.23) que, ao discorrerem sobre o assunto, buscam informar que:

Desenvolvimento é compreendido como as transformações ordenadas na qual passa o ser humano desde sua concepção à sua morte. Apesar dessas mudanças se sucederem integradamente, o desenvolvimento humano pode ser categorizado em desenvolvimento físico, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento social e desenvolvimento cognitivo.

Para Ferrari (2014, p. 23), desenvolvimento humano é algo que acompanha os sujeitos ao longo de suas vidas e, o autor, o subdivide em espécies que, das quais, nos interessa aqui é o desenvolvimento cognitivo atribuído as crianças e como este ocorre.

As referidas dimensões acima mencionadas estariam ligadas aos processos adaptativos das crianças logo no início de seu contato com o mundo para que assim pudessem desenvolver sua cognição a qual segundo Nunes (2024, p. 6) o processo de cognição estaria correlacionado a fatores biológicos dos sujeitos de modo que, pode-se observar que:

[...] os bebês nascem com a capacidade de aprender, de lembrar, com a competência de adquirir e usar a linguagem. Eles utilizam sua crescente capacidade sensorial e cognitiva para exercer controle sobre seu comportamento e o mundo.

Esta capacidade sensorial argumentada pelo autor supracitado nos apontamentos acima, é fortalecida na medida em que os vínculos entre mãe e filho são reforçados desde o início fazendo com que a afetividade e a boa relação sejam construídas.

AS CARACTERÍSTICAS DE UM VÍNCULO AFETIVO BEM DESENVOLVIDO

Neste contexto, investiga-se como os estudos literários abordam as características de um vínculo bem estabelecido entre mãe e bebê, e como isso influencia positivamente o crescimento e desenvolvimento da criança. Para uma compreensão mais clara do assunto, é relevante definir inicialmente o conceito de afetividade, a fim de destacar sua importância na formação desse vínculo.

Destaca-se que os seres humanos são constituídos de diversas emoções que se manifestam de forma diferente em cada indivíduo, de acordo com sua

personalidade e seu estado psicológico. Dentre essas emoções tem-se a afetividade a qual, segundo explica Antunes (2006, p. 5) seria:

[...] um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

Para o autor supracitado, a afetividade tem suas raízes, construída por meio das sensações e emoções, as quais são vivenciadas pelo ser humano em seu cotidiano de modo que Wallon (2017) defende que esta seria o resultado da atividade tônica postural das emoções e, são dotadas de um caráter social da criança em decorrência das emoções que são transformadas e reformuladas durante as interações dos sujeitos.

No que se refere às características de um vínculo afetivo mãe-bebê bem desenvolvido e suas implicações para o desenvolvimento da criança, Souza (2019, p.15) informa em seus estudos que o vínculo afetivo emerge ainda no período pré-natal com a criança ainda a ser concebida explicando que:

[...] o processo de vinculação com o filho, que não acontece de maneira instantânea e não é instintivo, na medida em que demanda desejo, compreensão, paciência e permanência. É um processo contínuo, em que os pais passam a investir psicologicamente no bebê que está sendo gestado, e, por meio desse investimento, o lugar que a criança vai ocupar passa a ser construído (SOUZA, 2019, p.15).

Para Souza (2019) um vínculo afetivo bem construído deve ter uma base sólida iniciado em um processo contínuo com o qual, possa-se formar o apego e com isso possibilitar que o pequeno infante possa ter bom desenvolvimento em diversos aspectos e também crie com sua mãe um apego, o qual pode ser considerado como sendo:

[...] um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está ligado a uma figura de apego. A segurança e o conforto experimentados na presença dessa figura criam uma base segura que permite que a criança se sinta capacitada para explorar o mundo e estabelecer relações (SOUZA, 2019, p.15).

O apego tem uma importância essencial ao ponto de se ter desenvolvido uma teoria sobre o tema, em que se discute como esse influenciaria na construção da organização psicológica interna dos sujeitos.

Sobre teoria do apego Bowlby (1997, p. 167) destaca em seus estudos que essa seria como:

Um modo de conceituar a propensão dos seres humanos a estabelecerem fortes vínculos afetivos com alguns outros, e de explicar as múltiplas formas de consternação emocional e perturbação da personalidade, incluindo ansiedade, raiva, depressão e desligamento emocional, a que a separação e perda involuntária dão origem (BOWLBY, 1997, p. 167).

Do ponto de vista do autor supracitado existe, entre os seres humanos, uma propensão de criar laços afetivos muito fortes que geram um apego entre os indivíduos capaz de gerar reflexos em áreas emocionais, de personalidade além de sentimentos e raiva e ansiedade.

Esse apego também é responsável por estar contribuindo com a formação de um vínculo afetivo entre mãe e bebê bem desenvolvido, o qual implicará para o desenvolvimento da criança dentro dos aspectos mencionados por Bowlby (1997) em seus estudos.

As características de um vínculo afetivo mãe-bebê bem desenvolvido são mencionada por Sameroff (1978, p. 977) em que o autor, relata que:

A ligação materno-infantil bem-sucedida tem sido descrita como a capacidade da criança para despertar e ser reativa ao comportamento de tomar conta de sua mãe. Segue-se, então, que o produto mais bem-sucedido de um parto é um recém-nascido desperto, alerta e reativo e uma mãe na mesma condição (SAMEROFF, 1978, p. 977).

Percebe-se que Sameroff (1978) enfatiza a questão relacionada à capacidade da criança em despertar assim como ser reativa aos comportamentos executados por sua mãe, uma vez que, seria esta uma forma de o bebê estar manifestando o seu apego por sua genitora sentindo-se confortável e seguro quando em sua presença.

Esse sentimento de conforto e segurança expressado pela criança e sua construção do vínculo afetivo é de grande importância para sua formação e sua saúde mental, na medida em que a criança vai desenvolvendo um relacionamento mais carinhoso, íntimo e também contínuo com sua mãe.

Papalia *et al.*, 2013, p. 209, traz que

Esses primeiros sinais ou indícios de sentimentos nos bebês são importantes indicativos de desenvolvimento. Quando eles querem ou precisam de alguma coisa, choram; quando se sentem sociáveis, sorriem ou dão risada. Quando suas mensagens trazem uma resposta, aumenta a sensação de ligação com outras pessoas. A sensação de controle sobre seu mundo também aumenta quando percebem que seu choro traz ajuda e conforto, e que seu sorriso e sua risada provocam uma reação também de sorriso e risada. Eles tornam-se mais aptos a participar ativamente na regulação de seus estados de excitação e de sua vida emocional

Dessa forma, essas seriam uma das principais características de um vínculo afetivo mãe-bebê bem desenvolvido do ponto de vista de Papalia *et al.*, (2013) e teriam fortes implicações para o desenvolvimento da criança dentro dos aspectos emocionais e cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito analisar como o desenvolvimento dos indivíduos foi impactada pelo vínculo afetivo estabelecido entre mãe e bebê tendo como base um estudo sobre a questão da Teoria do Apego, possibilitando uma compreensão mais abrangente do desenvolvimento humano.

O trabalho trouxe como a questão problema o questionamento: Por que indivíduos com o vínculo afetivo entre mãe e bebê estabelecido possuem um desenvolvimento mais saudável do desenvolvimento infantil e dos comportamentos sociais?

Essa pergunta foi respondida no decorrer do desenvolvimento dos objetivos geral e específicos delimitado para o estudo com os quais foi possível compreender o porquê o estabelecimento de um vínculo mãe-bebê fortalecido é base para o desenvolvimento infantil saudável, também foi compreender, por meio das informações obtidas no estudo, os fatores que contribuem para o desenvolvimento do vínculo e sua consequência no desenvolvimento da criança.

Outro aspecto importante a ser destacado na pesquisa tem correlação com a exposição das características de um vínculo afetivo mãe-bebê bem desenvolvido e suas implicações para o desenvolvimento da criança em que pode este refletir nos aspectos emocionais e cognitivos.

Assim, chegou-se à conclusão de que quando o vínculo é bem estabelecido, os bebês desenvolvem autonomia dentre outros benefícios tais como, segurança

emocional: O bebê se sente seguro tendo a certeza de que suas necessidades serão atendidas; regulação emocional: a presença da mãe ajuda o bebê a lidar com o estresse e a ansiedade de maneira saudável; desenvolvimento cognitivo: permitindo que o bebê explore e aprenda sobre o mundo de forma mais eficaz; desenvolvimento social e por fim, resiliência: permitindo que o bebê enfrente desafios e adversidades de forma mais eficaz ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. D, Blehar M. C., Waters, E, Wall, S. 1978. **Padrões de apego: um estudo psicológico da situação estranha.** Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers Hillsdale, 1978

ANTUNES, Celso. **A Afetividade na Escola, Coleção Afeto e Limites.** Londrina, Maxiprint Gráfica e Editora, 2006.

ATZIL, S., Hendler, T., Feldman, R (2011). Specifying the neurobiological basis of human attachment: brain, hormones, and behavior in synchronous and intrusive mothers. *Neuropsychopharmacology*, 36 (13), 2603.

BAUMRIND, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4),887-907.

BAUMRIND, D. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1),43-88, 1967.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1),1-103, 1971

BELSKY, J. **The determinants of parenting: a process model.** *Child Development*, 55, 183-96, 1984.

BERALDI; Elzita De Moraes. **Importância Da Afetividade No Processo Ensino-Aprendizagem Nos Anos Finais Do Ensino Fundamental.** 37f. Monografia (Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) Universidade Tecnológica Federal do Paraná –UTFPR. Medianeira- PR, 2013.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

BOWLBY, J. **Apego e perda: Apego - A natureza do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, vol. 1. 1969

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BRAZELTON, T. B. & CRAMER, B. G. (2000). **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes.

CASSONI, Cynthia. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura**. Universidade de São Paulo. 2013.

FELDMAN, Robert, S. **Desenvolvimento Humano**. 10 ed. Editora Artmed. Porto Alegre\RS, 2009.

FELDMAN, Robert S. **Introdução à psicologia**. 10^o ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

FERRARI, Dércio F. M. **Desenvolvimento cognitivo: as implicações das teorias de Vygotsky e Piaget no processo de ensino aprendizagem**. 2014. 39 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

FONSECA, Fábio Luiz Socreppa. A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê. **Revista de Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 3, p. 326-333, 2017.

GALVÃO, Izabel. Henri **Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1999.

GUTIERREZ, D. M. D., Castro, E. H. B., & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do Nufen** 3(2), 3-24.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&tlng=pt acesso em 4 março 2024

LAWRENZ, Priscila *et al.* Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los?. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 1, p. 02-09, jun. 2020.

MACCOBY, E., MARTIN, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology: socialization, personality, and social development* (4th ed., Vol. 4, pp. 1-101). New York: Wiley.

NEVES, Mariana Barstad Castro; CAMPOS, Flávia Sollero de. **Apego e autonomia: desbravando relações**. 1^o edição – Curitiba: Appris, 2020.

NUNES, Renato. **Desenvolvimento Cognitivo da Criança**. Disponível em: http://www.ufjf.br/renato_nunes/files/2013/11/Desenvolvimento-Cognitivo-da-Crian%C3%A7a.pdf. Acesso em abril de 2024

PAPALIA, D. E. *et al.* **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de psicologia genética**. 10 ed. São Paulo: Abril Cultural, 2009.

ROMERO, Emilio. **As Formas da Sensibilidade**: Emoções e sentimentos da vida humana. 5ª ed. São José dos Campos: Della Bídia Editora, 2011.

SAMEROFF, A. **Necessidades psicológicas da mãe nas interações maternoinfantis precoces**. In G. B. Avery (Org.), Neonatologia, fisiologia e cuidados do recém-nascido. São Paulo: Artes Médicas. 1978.

SOUZA, J., M; VERÍSSIMO, M., R, (2019). Desenvolvimento infantil: Análise de um novo conceito. Revista Latino-Am. Enfermagem. Nov./dez. 2019, 26 (6) pp. 1097-1104. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/37zgmVWz6vbm9YbBGTb5mbB/?format=pdf&lang=t>.

TEIXEIRA, Hélio. **O que é cognição?** Disponível em: <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teorias-e-conceitos-chava-o-que-e-cognicao/>. Acessado em abril de 2024.

TRONICK, E. Z. Emotions and emotional communication in infants. **American Psychologist**, Washington, v. 44, p. 112-119, 1989.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2017.

ZIMERMAN, David E. **Os quatro vínculos**: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Grupo A, 2010. E-book. ISBN 9788536322780. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536322780/>. Acesso em: 13 set. 2023.